

PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE AS RELAÇÕES DE AGRESSIVIDADE, O LÚDICO E O “BULLYING” NA ESCOLA*

Gustavo Levandoski

Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranaíba, Paranaíba, Paraná, Brasil

Fernando Luiz Cardoso

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo

O objetivo foi analisar a maneira como os alunos administram suas situações de conflito e verificar a existência do fenômeno bullying em escolares. Participaram do estudo 59 alunos de ambos os sexos, com idades de 7 a 10 anos. Para verificar os alunos envolvidos em bullying, utilizou-se o roteiro de Olweus adaptado por Nogueira (2007), realizando-se observação informal nos horários das aulas de educação física e no recreio, durante um período de 4 meses. Não foi possível identificar nenhum comportamento que caracterizasse escolares “agressores” com base nos critérios de Smith (2004). Também foi observado que os meninos gostam de jogos lúdicos de embate físico e sabem diferenciar o jogo do lutar a sério, deixando claro que conhecem os limites entre o jogo e a agressão.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano – Bullying – Agressividade – Lúdico

Introdução

Na atualidade, um dos temas que vem despertando a curiosidade e o interesse de profissionais das áreas de educação e saúde em todo o mundo é o fenômeno do bullying escolar (LEVANDOSKI, 2009). Um dos motivos desse interesse provavelmente decorra do efeito drástico que o fenômeno pode ter em termos psicológicos, fisiológicos e na saúde dos indivíduos. Sabe-se que as crianças vítimas de bullying têm maior probabilidade de sofrer de problemas de saúde física, psicológica e social (WOLKE et al., 2001). Por outra parte, a escola vem sendo explorada pela mídia com notícias que mostram o espaço escolar como um ambiente violento onde ocorrem brigas, invasões, depredações e, muitas vezes, mortes (MARRIEL et al., 2006).

*Esta pesquisa contou com investimento financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Em princípio, o termo violência escolar diz respeito a todo comportamento agressivo e antissocial que tem lugar dentro da escola, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos (LOPES NETO, 2005). Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e da capacidade das autoridades de ensino e dos funcionários da escola. Nogueira comenta ainda que “a violência escolar nem sempre abarca situações esporádicas e nem sempre está próxima do termo ‘marginalidade’ ou ‘criminalidade’, razão pela qual optamos por dizer que o bullying é uma das manifestações de violência sistemática e intencional” (2007, p. 92) na qual a vítima não tem possibilidade de defesa. É importante destacar que a simples prática de comportamentos violentos não pode ser confundida com o fenômeno bullying.

Para Ferreira Neto et al. (2006), o comportamento bullying vem confirmando sua presença nos recreios escolares como um grande problema. Os autores identificam formas, tipos, fatores associados e outros locais além da escola onde é frequente a manifestação desse comportamento.

Em síntese, o bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e que são adotadas por um ou mais alunos contra outro aluno ou contra vários (OLWEUS, 1994). São atitudes que causam dor, angústia e um terrível sofrimento solitário que fere a alma e o âmago dessas vítimas, gerando, como consequência, bloqueios psicológicos e perda da qualidade em seu desenvolvimento.

A operacionalização do bullying ocorre de maneira direta – por meio de agressões físicas –, ou indireta – por meio de agressões verbais e comentários maldosos. Esses dois tipos de ação têm por objetivo ferir e magoar a vítima. A forma direta engloba ataques abertos à vítima, mediante ações individuais ou em grupo (conhecidas também pelo termo “em pares”) contra uma única pessoa. Ocorre também outra forma menos pró-ativa de bullying, que envolve ações de isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência (PEREIRA, 2002).

Para Williams e Pinheiro (2006) os estudos sobre bullying são escassos e muito recentes no Brasil. Souza (2006) realizou um levantamento da bibliografia sobre o fenômeno bullying, com o objetivo de descobrir qual a contribuição, em relação às fontes de produção, que a educação física vem desenvolvendo para a identificação, o diagnóstico

e a erradicação desse fenômeno. Foram encontradas mais de cem referências relacionadas ao tema, das quais apenas quatorze mencionam, e de maneira superficial, o fenômeno bullying na área da educação física. Uma causa para esse resultado é mencionada por Nogueira (2007), quando afirma que alguns autores muitas vezes delimitam o conceito geral de bullying a fim de compreenderem apenas algumas de suas características específicas, o que de certa forma delimita significativamente a importância da compreensão sobre a totalidade do fenômeno em sua totalidade.

A necessidade de auxiliar os profissionais da área escolar na identificação, no diagnóstico e na possível solução do problema da violência decorre de sua crescente manifestação no ambiente escolar e dos seus efeitos sobre a performance escolar das crianças. Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a maneira como os alunos administram as situações de conflito e verificar a existência do fenômeno bullying em duas escolas de pequeno porte da rede municipal de ensino privado da cidade de Ponta Grossa/PR.

Metodologia

Este é um estudo não probabilístico e descritivo que tentou compreender a percepção de escolares do ensino básico sobre as relações sociais que geram agressividade, situações lúdicas e bullying. Participaram deste estudo 59 escolares matriculados nas 2^a, 3^a e 4^a séries do ensino fundamental de duas escolas de classe média de pequeno porte da rede de ensino municipal privado da cidade de Ponta Grossa. A nomenclatura “pequeno porte” utilizada neste estudo denomina escolas de região periférica próximas do centro urbano, cuja principal característica é o reduzido número de alunos por turma.

A cidade de Ponta Grossa foi fundada em 1822. É uma região influenciada, sobretudo, pela imigração europeia – holandeses, italianos, alemães, poloneses, ucranianos. Está localizada na parte centro sul do estado do Paraná e sua área territorial é de 2.068 km². A população do município é de 306.351 habitantes, sendo que 50.211 são estudantes regularmente matriculados no ensino fundamental (IBGE, 2007).

O grupo estudado foi composto por: 30 meninos com média etária de $8,8 \pm 1,1$ anos, os quais frequentavam a mesma escola em média há $4,1 \pm 1,6$ anos; e 29 meninas com média etária de $8,8 \pm 0,9$ anos, as

quais também frequentavam a mesma escola em média há $4,1 \pm 2$ anos, o que demonstra um longo tempo de convivência escolar entre as crianças de ambos os sexos. A avaliação para determinar ou encontrar alunos envolvidos em bullying foi realizada por meio de entrevista utilizando o roteiro de Dan Olweus adaptado por Nogueira (2007, p. 255) e pela observação informal, nos horários das aulas de Educação Física e no recreio, durante os meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2007. A entrevista constou de 23 perguntas abertas, aplicadas na forma de entrevista individual com cada participante, com tempo médio de 10 minutos. Mediante o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2000), formaram-se categorias para melhor analisar estatisticamente os resultados qualitativos, transformando-os em dados categóricos.

Os valores coletados foram organizados e analisados por meio do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 14.0), com nível de significância fixado em $p < 0,05$. Utilizamos estatística descritiva para indicar o percentual de frequência relativa das informações categorizadas e o teste de U, de Mann Whitney, para informar a diferença entre os grupos. A coordenação da escola foi informada sobre os procedimentos que seriam utilizados por meio de documentação aprovada pelo Comitê de Ética em Seres Humanos, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Resultados

A tabela 1 traz a relação das perguntas e as respostas, por sexo, às questões que investigam a existência do fenômeno bullying no ambiente escolar. Em seguida, são apresentadas as diferenças entre meninos e meninas com base no teste de U de Mann Whitney, considerando-se um $p < 0,05$.

Tabela 1. Diferença nas respostas de meninos e meninas sobre o fenômeno bullying

	MENINOS		MENINAS		U	p
	SIM %	NÃO %	SIM %	NÃO %		
Você já ouviu falar em <i>bullying</i> ?	3,3	96,7	0	100	420,5	0,326
Você conhece alguma forma de <i>bullying</i> ?	3,3	96,7	0	100	420,5	0,326
Alguma vez ficou sozinho porque seus amigos ou amigo não queriam ficar com você?	6,7	93,3	13,8	86,2	404,0	0,369
Alguma vez sofreu alguma difamação?	30	70	24,1	75,9	409,5	0,616
Você já viu alguém apanhando ou sendo maltratado na escola?	86,7	13,3	34,5	65,5	208	<0,001*
Os professores deixam os alunos mais violentos fazerem mal aos outros?	0	100	0	100	435	1,000
Você já viu alguém contando ao professor sobre os casos de violência?	30	70	55,2	44,8	370	0,243
Fora da escola alguém já maltratou você?	33,3	66,7	41,4	58,6	400	0,526
Você fez mal a alguém ou já machucou alguém brigando?	50	50	10,3	89,7	262,5	0,001*
Alguma vez você já zombou de alguém?	66,7	33,3	48,3	51,7	355	0,156

Em relação aos resultados da tabela 1, encontramos diferenças significativas entre meninos e meninas apenas para as questões: “Você já viu alguém apanhando ou sendo maltratado na escola?” e “Você fez mal a alguém ou já machucou alguém brigando?”. Por causa da não significância das demais indagações, acredita-se que esse dado pode ser visto como uma manifestação cultural, independentemente da separação por sexo. Sendo assim, os valores em percentuais, descritos nos parágrafos seguintes, informam o resultado de toda a amostra.

Quando perguntados sobre o conhecimento da denominação bullying e suas formas de execução, 98,3% dos alunos de ambos os sexos responderam desconhecer o termo, demonstrando espanto com essa nomenclatura e curiosidade em saber o seu significado. Apenas um menino demonstrou conhecer, por um jogo eletrônico, o termo e seu significado.

A maioria dos alunos, cerca de 93,3% dos meninos e 86,2% das meninas, não apresenta dificuldade de se relacionar com os colegas,

sendo que apenas um menino e duas meninas relataram que “poucas vezes” são excluídos do grupo de amigos em virtude de desentendimentos em sala de aula. Segundo os entrevistados, as agressões físicas geralmente se iniciam a partir desses desentendimentos.

Os alunos afirmaram que muitas vezes as agressões físicas são oriundas de provocações verbais e, dentro do grupo de amizade, 66,7% dos meninos e 48,3% das meninas relataram que já provocaram ou zombaram de alguém. Todos os alunos que participaram da pesquisa (100%) concordaram que os meninos são mais agressivos do que as meninas; 86,7% dos meninos e 34,5% das meninas já presenciaram uma briga com contato físico vigoroso; 50% dos meninos e 10,3% das meninas já feriram alguém brigando fisicamente, deixando ferimento grave, como sangramento nasal.

Houve um consenso de 100% quanto à atuação de professores ou funcionários em se posicionarem no sentido de tentar impedir atos agressivos dos alunos mais fortes para com os mais fracos dentro da escola. Nesses casos de violência, 72,4% das meninas chamariam a professora como primeiro recurso de defesa; as demais, “gritariam ou correriam” antes de chamar a professora. Já em relação à primeira reação de defesa dos meninos, 33,3% afirmaram que tentariam defender-se, mas confessaram que agrediriam fisicamente se fosse necessário; 43,3% agrediriam primeiramente; e 20,0% chamariam a professora.

Percebemos nas respostas nuances de solidariedade: 90,0% dos meninos e 75,9% das meninas ajudariam o colega que estivesse em desvantagem física durante uma briga, sendo que a minoria restante dos entrevistados incentivaria o agressor a continuar violentando; alguns alunos, ainda, afirmaram que ririam da situação.

Perguntamos a cada entrevistado se “consideravam-se o mais forte da turma”: 23,3% dos meninos e 17,2% das meninas responderam que sim. Em decorrência desse aspecto, percebemos que 34,5% das meninas comentaram “ter medo” dos alunos que afirmaram serem os mais fortes, dizendo que ficam intimidadas em sua presença.

Discussão

Em síntese, verificamos que em sua totalidade os alunos, sem distinção de sexo, desconhecem o termo bullying, bem como suas formas de ação (direta ou indireta), mas possuem comportamentos que despertam o interesse para futuras investigações. Observamos que 30,5%

já agrediram alguém, impondo sequelas graves a outra pessoa; 60,1% já presenciaram uma briga, e quando perguntados qual a reação ao verem esse tipo de atitude, 83,1% responderam que ajudariam o colega que estivesse em pior situação; 57,6% já realizaram algum tipo de gozação; e 49,1% comentaram que não deixariam alguém agredi-los e que, se fosse necessário deferem-se, agrediriam também o agressor, como mecanismo de proteção.

Notamos também que as brigas acontecem sempre como resultado de desentendimentos intraclasse, oriundos muitas vezes de apelidos indesejáveis, visto que 44,3% dos entrevistados não possuem e não gostam desse tipo de rotulagem; 96,6% não sofrem vitimização direta no grupinho entre colegas, mas 35,6% relatam terem medo de um colega específico da turma, o que nos evidencia a existência de ações indiretas de eventos de bullying, mas que não concretizam a existência de um fenômeno de bullying.

Pelas observações informais no ambiente das escolas estudadas, percebeu-se que uma grande barreira no processo de desenvolvimento humano dos alunos é a excessiva preocupação dos docentes em evitar ou controlar situações de contato corporal. Muitas das estratégias utilizadas pelos docentes para evitar esses comportamentos vão contra algumas diretrizes de base curricular.

Segundo os Parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1998), as aulas de Educação Física incluem atividades como jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginástica e lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana. Mas até que ponto pode-se diferenciar brigar de brincar ou jogar de dissimular? Ou seja, qual o limite entre o fair-play e a opressão nas relações sociais, considerando-se que nem sempre os resultados de um ato violento são decorrentes do contato físico? Interromper essa etapa, ou impedir que os alunos vivenciem certas atividades (não orientadas) como brincar de lutar, pode prejudicar o necessário processo de criação, pelas crianças dessa faixa etária, de estratégias para a solução de seus problemas diários, entre os quais está o enfrentamento de situações de conflitos.

O ato de lutar envolve movimentos que auxiliam no desenvolvimento de habilidades motoras que poderão vir a ser utilizadas como recursos motores em outros esportes ou atividades lúdicas. Além disso, a luta é uma característica instintiva de nossa espécie que sempre esteve presente na evolução humana. Quando duas crianças brincam de lutar, assimilam uma variedade de movimentos motores e, por meio

de sua prática, reterão essa aprendizagem motora (SCHMIDT e WRISBERG, 2001). O problema dessa atividade é quando os indivíduos deixam de brincar e começam a “lutar a sério”, manifestando comportamentos e condutas agressivas de desrespeito ao próximo.

De certa forma, por mais cruel que possa parecer, o bullying também pode ser considerado um jogo, do ponto de vista de quem pratica a ação. Para Tannock (2008), os educadores entrevistados em seu estudo acreditam que com os jogos duros e as brincadeiras agressivas as crianças aprendem a adaptar o seu jogo às habilidades de outros jogadores, reforçando a ideia de que os alunos aprendem também os seus limites e se asseguram de que todos os jogadores sentem-se confortáveis com a experiência.

Rayburn, Goetz e Osman (2001) realizaram um estudo sobre liderança em atividades esportivas e encontraram que na relação entre homens e mulheres, no que se refere à frustração ao experimentar jogos e esportes na escola, as mulheres são marcadas significativamente com valores mais altos ($t = -1,986$; $p = 0,026$). Isso pode ser explicado pela maior vivência com experiências motoras consideradas do gênero masculino que os meninos possuem em relação às meninas. Essas atividades de contato físico proporcionam uma maior exposição ao risco de se machucarem, gerando nas meninas um sentimento de repulsa a essas atividades corporais. Porém, o fato de os alunos tomarem a iniciativa de lutar “de brincadeira” os faz vivenciar situações de domínio e liderança.

Comparando as práticas de movimentação corporal de animais e humanos, vemos que os animais lutam por duas razões básicas: para estabelecer o domínio na hierarquia social ou para estabelecer o domínio nos direitos pelo território. Nem todas as espécies animais apresentam, como os humanos, essas duas características simultaneamente (MORRIS, 2001): os seres humanos são hierárquicos e territoriais, mas manifestam essas características de forma mais complexa e racional.

Na visão de Freire (2002), o jogo é tudo aquilo que a nossa auto-percepção disser que é jogo. Quando dois alunos estão brincando de lutar, estão utilizando seu pensamento e criando estratégias a fim de superarem imaginação do colega. Para Piaget (1975), é essa a diferença entre humanos e animais. Por meio da observação informal, perceberam-se várias cenas de comportamentos que simulavam agressões físicas e ações indiretas que, eventualmente, poderiam se transformar

em ações de bullying, mas que não representam situações de emergente preocupação, pois são apenas simulações de movimentos de combate.

O presente trabalho traz uma contribuição sobre a manifestação da violência que existe em alunos dessa faixa etária nas escolas. No entanto, não foi possível caracterizar as causas desse tipo de comportamento, pois o estudo se restringiu a entrevistas baseadas na autoavaliação dos alunos sobre situações nas quais estariam envolvidos em bullying.

No período em que realizamos o estudo, não evidenciamos situações de agressão e vitimização. A hipótese levantada para explicar esse fato é de que, com pouco espaço territorial é mais fácil o controle dos alunos pelos funcionários e mais difícil o espaço para que se manifestem ações de bullying.

Limitações do estudo

Os instrumentos utilizados para identificar as vítimas e agressores de bullying são geralmente questionários administrados metodologicamente, de forma retrospectiva ou atual, que analisam seis formas de vitimização. Os seis pontos-chave devem levar em conta a recorrência do fato, o dano a pertences, a agressão verbal, o uso da vítima como objeto de divertimento, a exclusão social e as fofocas (WOLKE e SAPOUNA, 2007). Por causa da pouca idade dos alunos avaliados, notou-se uma difícil compreensão de algumas terminologias nas perguntas do questionário, fato que nos fez alterar para entrevista individual a forma de obter as informações.

Uma grande limitação é acreditar que os instrumentos fornecerão um resultado sem erro, ou que indiquem fielmente os alunos com características de agressores ou de vítimas. Os questionários pontuam essas informações-chave e indicam fatores de vulnerabilidade para possíveis situações de vitimização, mas que não necessariamente representam uma ação de bullying – as quais, tornamos a lembrar, são ações caracterizadas pela sistematização de abuso de poder ao longo do tempo.

Conclusão

Para os alunos, o conceito de violência é subsidiado com informa-

ções retratadas pela imprensa falada, televisionada e escrita, além das experiências vivenciadas na escola e da orientação dos pais e professores, como mencionaram durante a entrevista. Foi notado que os meninos gostam de brincar lutando e sabem diferenciar o “lutar a sério”, deixando claro que conhecem o limite entre o jogo e a agressão.

Os profissionais do ambiente escolar devem estar atentos às manifestações típicas desse comportamento, como alunos que demonstram habilidade em dominar os colegas com palavras e argumentos. Pelo mau uso das palavras esse aluno poderá gerar situações que demonstram um abuso excessivo de poder e ainda utilizar sua liderança de forma negativa, manipulando o restante dos colegas de turma.

Outro aspecto importante sobre o bullying é a inexistência, para a população brasileira, de instrumentos adequados à sua detecção. Novas pesquisas deveriam testar outros instrumentos de pesquisa, antes de uma validação que enquadre nosso contexto cultural. Ao longo do trabalho, notamos a complexidade de estudar e compreender esse fenômeno da violência de forma global. O retorno ético ao estabelecimento de ensino com os resultados auxiliou a prevenir eventuais condutas que geravam situações de medo e outros comportamentos agressivos, a fim de minimizar as situações que poderiam deixar outros alunos vulneráveis ou expostos a episódios de vitimização.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), aos professores e alunos – que devem permanecer no anonimato – das escolas estudadas e aos pareceristas ad hoc da revista *Pensar a Prática*.

Teachers' perception of aggressive, ludic and bullying behaviours within school

Abstract

In this study, we aimed at assessing the manner pupils manage their conflict situations and verifying how bullying occurs with them. Fifty-nine students, boys and girls, aged between 7 and 10 took part in this study. Thus, we could verify the students involved with bullying by using the Dan Olweus's questionnaire (1989), adapted by Nogueira (2007). We could also observe the PE lesson time informally, i.e. during the break, for four months. By using the Smith's criteria (2004), any behaviour defining schoolchildren as 'aggressors' was not identified. Concerning boys, was also observed that they like playful games with physical shocks and know the difference of a serious fight, revealing clearly that they know the limits

for games and aggression.

Keywords: Human Development - Bullying - Aggressiveness - Playful

Percepção de los maestros de las relaciones de agresión, lúdicas y de intimidación en la escuela

Resumen

El objetivo fue analizar la forma en los estudiantes a manejar sus conflictos y para verificar la existencia del fenómeno del bullying en la escuela. Participaron del estudio 59 estudiantes de ambos sexos con edades comprendidas entre 7 y 10 años. Para comprobar los estudiantes involucrados en la intimidación con el guión de Olweus adaptada por Nogueira (2007), ya través de la observación informal durante las horas de clases de educación física, en el recreo durante un período de cuatro meses. No se puede identificar cualquier comportamiento que presentó la escuela “agresores”, desde los criterios de Smith (2004). También se observó que los niños disfrutaban de juegos divertidos de conflicto físico, conocer la diferencia entre la lucha en serio, dejando en claro que conocen los límites del juego y agresión.

Palabras clave: Desarrollo Humano – Intimidación – Agresión – Lúdico

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade e orientação sexual**. Brasília, 1998.

FERREIRA NETO, C.; ANGULO, J. C.; MARQUEZ, A. Os comportamentos de “bullying” no meio escolar e as culturas dos jovens: modelos e estratégias de análise e intervenção. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON VIOLENCE IN SCHOOLS, 3, Bordeaux, França. **Proceedings...** Bordeaux, França, 2006.

FRANCISCO, M. V. **Caracterização de “bullying” entre escolares do ensino fundamental em Presidente Prudente/SP**. 2006. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente 2006.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (2007). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>> Acesso em: 28 jul. 2008.

LEVANDOSKI, G. **Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar:** características cineantropométricas e psicossociais. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, jan.-abr. 2006.

MORRIS, D. **O macaco nu:** um estudo do animal humano. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NOGUEIRA, R. M. C. del P. de A. **Violências nas escolas e juventude:** um estudo sobre o bullying escolar. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.dominio-publico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=80848. Acesso em: 28 ago. 2010.

OLWEUS, D. Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, Southampton (Inglaterra), n. 35, p. 1.171-1.190, 1994.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência:** estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RAYBURN, C. A.; GOETZ, D. J.; OSMAN, S. L. The ‘Game’ of Leadership: Exercise, Games, Sports, and Leadership. **International Journal of Value-Based Management**, n. 14, p. 11-26, 2001.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora:** uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMITH, P. K. Bullying: Recent Developments. **Child and Adolescent Mental Health**, v. 9, n. 3, p. 98-103, 2004.

SOUZA, H. A. **Levantamento de referencial teórico relacionado ao fenômeno bullying em aulas de Educação Física Escolar**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

TANNOCK, M. T. Rough and Tumble Play: An Investigation of the Perceptions of Educators and Young Children. **Early Childhood Education Journal**, n. 35, p. 357-361, 2008.

WILLIAMS, L. C. A.; PINHEIRO, F. M. F. Prevalence of Bullying among Brazilian Middle School Students and its Relationship to Family Violence. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON VIOLENCE IN SCHOOLS, 3, Bordeaux, França. **Proceedings...** Bordeaux, França, 2006. p. 46.

WOLKE, D.; SAPOUNA, M. Big Men Feeling Small: Childhood Bullying Experience, Muscle Dysmorphia and Other Mental Health Problems in Bodybuilders. **Psychology of Sport & Exercise**, n. 9, p. 595-694, Oct. 2007.

_____ et al. Bullying Involvement in Primary School and Common Health Problems. **Archives of Disease in Childhood**, n. 85, p. 197-201, 2001.

Recebido em: 21/12/2009

Revisado em: 09/05/2010

Aprovado em: 17/05/2010

Endereço para correspondência

glevandoski@gmail.com

Gustavo Levandoski

Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavai

Departamento de Educação Física

Av. Gabriel Esperidião, s/n

CEP: 87703-000 - Paranavai, PR - Brasil